

# O FORMIGUEIRO

CENTRO DE AÇÃO CULTURAL | NOVEMBRO DE 2022 | Nº 2 ANO 2

## Políticas públicas e tecnologias sociais que garantem a permanência na terra: a história de Socorro dos Santos



“Mesmo na seca eu sempre tava feliz porque eu tô na minha terra. Há 19 anos no meio das pedras, nunca deixei de plantar e de colher”. Com os olhos cheio de amor, a agricultora Maria do Socorro dos Santos Vieira conta sua história de luta pela terra e de convivência com o semiárido.

Socorro nasceu no Bairro de Bodocongó, em Campina Grande, e se criou na zona rural, nas terras que seu avô, Severino Matias, trabalhava, e que hoje compõem a área do Assentamento José Antônio Eufrouzino. Neste mesmo chão viveu até os 15 anos de idade. Com a dificuldade de ganhar a vida na agricultura, tomou a difícil decisão de ir para o Rio de Janeiro. Lá constituiu família e teve três filhos, Cleber, Rosilene e Cleiton. “Eu fui e voltei do Rio de Janeiro umas quatro vezes. Eu tava lá, mas eu queria mesmo era tá aqui, perto do meu avô. Mas a renda era pouca, então eu sempre voltava”.

No ano 2000, com a notícia de que seu avô estava doente e com as dificuldades que passava nas terras cariocas, Socorro voltou para a Paraíba. No Rio de Janeiro deixou dois filhos, Kleber e Rose, infelizmente Cleiton tinha falecido. Dessa vez Socorro retornava acompanhada do neto Felipe, filho de Rose. Inicialmente os dois se instalaram na casa de sua vó em Campina Grande. Nessa época Socorro passou a acompanhar as reuniões do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e participou de algumas ocupações. “Houve uma ocupação nas terras da Catirina, mas fomos expulsos. De lá fomos pro Morro do Urubu e na época era eu, meu neto e meu marido Luiz. Quando liberaram um lote na parte do Assentamento José Antônio Eufrouzino - Logradouro, eu tinha somente 3 telhas brasilit, juntei com umas madeiras, barro e fiz um barraco pra gente”.

Em 2006 ela pôde finalmente ocupar o lote da terra que vive hoje, que tem 18 hectares. Foi nesse lugar que construiu sua casa e passou a criar seus animais: galinha de capoeira, porco, cabra, alguns doados pela sua vó e cultivar também roçado de milho, batata, feijão, fava. “Tendo água, de tudo eu plantava. Nunca tive preguiça e nem medo de trabalhar”.

No ano de 2009 teve que voltar ao Rio de Janeiro sozinha para vender a casa que tinha lá. Comprou uma passagem só de ida com a venda de um milheiro de palma que tinha plantado. Mas não teve sucesso na venda da casa e permaneceu por lá durante 7 meses. Preocupada com as coisas que tinha deixado na Paraíba, queria voltar e só conseguiu com a ajuda de sua irmã. Chegando em casa, se deparou com poucos animais e um roçado perdido, devido ao abandono dos cuidados de Luiz. Pela falta de companheirismo do esposo, ela se separou. Com a força e a determinação que tinha, foi reconstruindo sua vida aos poucos.



Socorro começou a ver sua vida de agricultora melhorar com a chegada da cisterna de água de beber em 2011, construída pelo INCRA, que diminuiu o trabalho de pegar água distante de casa. Antes, a agricultora buscava água numa cisterna comunitária, com a ajuda de um jumento. Em 2014, foi contemplada com a cisterna-enxurrada, que foi construída pelo Centro de Ação Cultural – CENTRAC, através do Programa Um milhão de cisternas, e assim pode estocar água para alimentar os animais, cuidar das plantas medicinais, frutíferas e ornamentais que tem na propriedade: Capim Santo, “anador”, coentro, cebolinha, acerola, laranja, seriguela, umbu, coco, limão, entre outras.



Foi neste mesmo ano que conheceu Ailton Flor Cavalcanti, seu atual esposo. Os dois trabalham juntos na agricultura e nas tarefas diárias. Enquanto ele tira o leite da vaca e limpa o chiqueiro dos porcos, ela faz o café, cuida das plantas no arredor da casa e juntos cultivam suas sementes da paixão (crioulas). Atualmente a família possui 2 vacas, 11 ovelhas e cabras e algumas galinhas de capoeira. “Eu não perco de jeito nenhum a semente das minhas galinhas. Minha vó me deu e aqui a gente só come delas”.

Guardiã das sementes de galinha e também das sementes vegetais herdadas da avó, a agricultora ao conservar as sementes animais e vegetais, sementes resistentes à seca e adaptadas ao bioma da Caatinga, presta um relevante trabalho de conservação da agrosobiodiversidade. “Aqui eu planto o que dá, tem plantio de algodão, milho pontinha e as sementes que minha vó me deu: feijão sempre verde, feijão gordo azul, mulatinho, boca de guiné, tudo eu guardo aqui no meu banco de sementes”.



Ao preservar suas sementes da paixão, Socorro mantém a memória da família viva, os sabores, o manejo e os saberes associados a essas sementes. Com a ajuda de Ailton, construiu uma estrutura de madeira na sala de casa para proteger suas sementes vegetais da umidade. O sonho dela é que a família possa construir um Banco de Sementes na propriedade, para que possam continuar conservando as suas sementes da paixão.

Depois das cisternas, a família conseguiu acessar, através da assessoria do CENTRAC, outras tecnologias sociais. Construiu um sistema de Reuso de água, através do Fundo Rotativo Solidário do Assentamento e com ele tem ampliado a produção no quintal agroecológico, a geração de renda e fortalecido a soberania e segurança alimentar e nutricional. Através do FRS também conseguiu construir um fogão agroecológico, “que é uma benção desde que chegou”, disse Socorro. Ela faz toda a alimentação da família nele. E com a tecnologia social diminuíram o uso de lenha, a produção de fumaça e o consumo do gás de cozinha.



Agora a propriedade tem um Barramento de Base Zero (BBZ), uma tecnologia social que tem sido difundida pelo CENTRAC e que consiste em diminuir a velocidade da água e impedir a erosão do solo, com o uso de pedras soltas sobrepostas, o que diminui o assoreamento dos açudes e barreiros que se encontram na passagem da água, deixando o local mais rico em matéria orgânica e umidade. “Essa parte aqui da terra tava seca, o solo se acabando, olha como está agora. Quero fazer outro barramento em uma área que tenho ali, vai ajudar muito a terra da gente”. No local do BBZ a família mantém uma variedade de espécies florestais nativas como a jurema, a catingueira, o marmeleiro, o juá, o pereiro.



No início deste ano fizeram o primeiro silo com o apoio da prefeitura municipal de Campina Grande. Usaram palha de milho, algaroba e outras plantas da propriedade, tudo triturado e armazenado para garantir a segurança alimentar e nutricional dos animais no período de estiagem.

O conjunto de todas essas tecnologias sociais de convivência com o semiárido e as políticas públicas voltadas para a agricultura familiar permitiram que Socorro e sua família permanecessem na terra com mais qualidade de vida e soberania alimentar. Ressalta-se que essas políticas foram construídas a partir de 2003, em um governo democrático, que dialogava com as necessidades do povo. Isso garantiu a Socorro terra para produzir, água para beber e plantar e continuar multiplicando suas sementes da paixão.



REALIZAÇÃO

PARCERIA

APOIO

